ENEPEX
ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS

GRUPO DE ESTUDOS INTERARTES

OS DEMÔNIOS DA TEORIA DA LITERATURA

Orientador: Dr. Paulo Custódio de Oliveira

Orientandas: Maessa Dilândia Paiva

Mirella Rodrigues Flores

Este trabalho tem como objetivo, apresentar as complexidades que envolvem a construção de teorias que buscam definir o que é literatura. Outro aspecto importante, a ser demostrado no trabalho, é a necessidade da produção de novas teorias, para que perguntas e respostas sobre a literatura não voltem a se fundamentar no senso comum.

Nosso objeto de estudo é o livro *O Demônio da Teoria: Literatura e Senso Comum* (1999), do autor Antoine Compagnon. Nesselivro, Compagnon inicia suas observações com questionamentos sobre o que é teoria, isolando esse conceito do senso comum. Ele nos apresenta diversasquestões abordadas pela teoria da literatura, bem como um grande número de teóricos que se debruçaram sobre elas, todos com o propósito de responder a uma mesma pergunta. O que é literatura? Essa pergunta, um dos grandes questionamentos dos estudos teóricos da literatura, até hoje não foi respondida de maneira satisfatória. E pelo visto nunca será. O autor considera que existe uma dificuldade em se definir o que é, de fato, literatura e em seu livro mostra alguns, do que chamamos conceitos literários.

Primeiramente, conceituando a teoria de forma simples, percebemos que ela não é uma explicação que habita no óbvio. Notamos haver na teoria certa complexidade, pois ela não é apenas uma avaliação crítica, observação histórica, ou um método de explicação. Teoria é tudo isso, junto. Em segundo lugar, trazendo a teoria para o campo da literatura, vemos que ela não se resume a uma avaliação de escrita, ou de escola literária, muito menos se resume a história da literatura. Compagnon (1999) não nega que a teoria apresente aspectos pedagógicos e explicativos. No entanto, para o autor o que tem mais relevância na teoria, seria sua postura resistente e questionadora, diante do senso comum.

O teórico francês sugere que a teoria tem o caráter crítico, opositivo ou polêmico, gravado na sua essência. "[...] porque o que a caracteriza, na verdade, é justamente o contrário do ecletismo, é seu engajamento, sua vis polêmica , assim como os impasses que esta última a leva sem que ela se dê conta". (COMPAGNON, 1999, p.16). Sendo assim, a teoria questiona visões do estudo literário, que são pré-concebidas e se estabelecem como naturais, sendo aceitas sem discussões. Ou seja, a teoria contestaas respostas prontas e triviais que o senso comum costuma dar as questões literárias.

Como foi dito anteriormente, um dos traços da teoria é que ela é complexa, formada por conjecturas que são difíceis de afirmar como sendo absolutas. Dessa maneira, diversas teorias vão sendo construídas. Ora com objetivo de reafirmar as teorias já existentes – utilizando novos argumentos. Ora, opondo-se a elas, trazendo uma nova linha de pesquisa, com nos pontos de vista, contestando e diminuindo a autenticidade das teorias anteriores. Mas sempre procurando responder a pergunta presente em toda teoria, no estudo literário: O que é literatura?

Esta questão, no entanto, não é tão simples de ser respondida. Primeiramente, porque no campo das definições é preciso fazer certos recortes, para adotar uma linha de pensamento. Ao fazer a escolha, de qual linha de pensamento seguir, estamos colocando-a em detrimento de outras. Podemos entender que o fato de observar a literatura sob diferentesaspectos, dá margem para o surgimento de diferentes análises. Ou seja, é possível dar várias respostas à pergunta o que é literatura. Entretanto, essa possibilidade deixa claro que o que é considerado literatura para uma teoria, não o é para outra. E dessa forma, surgem as várias teorias, trazendo respostas "[...] possíveis, não compossíveis; aceitáveis, não compatíveis [...]". (COMPAGNON, 1999, p.26).

Em segundo lugar, outro ponto que dificulta a definição de literatura, é o vinculo que acabamos fazendo entre ela e a estética (beleza). De acordo com Jorge Wanderley (1992, p.253) "[...] é que definir literatura se confunde com a definição do poético e da beleza".

(Jorge Wanderley,1992, Literatura, p.253). Como beleza é um termo difícil de ser definido, dependendo muito das particularidades de cada um, é praticamente impossível definir literatura se baseando nesta linha de pensamento.

Até aqui, notamos que existe um vasto campo de pesquisa para a teoria na literatura. Possibilitando assim um grande volume de obras crítico teóricas. Falando sobre o volume de obras sobre teoria da literatura, segundo Compagnon, ela teve seu auge na França, por volta dos anos de 1970. Os jovens dessa geração viam a teoria com forte atração, devido às perguntas inquietantes e desafiadoras que o pensar teórico propunha. Através dos anos que seguiram este apoio que a teoria concede ao estudo literário, fez surgir uma forte aproximação entre a teoria e as instituições acadêmicas.

Porém, essa aproximação fez com que o foco da teoria fosse o seu caráter pedagógico, em detrimento a seu caráter crítico. "A teoria institucionalizou-se, transformou-se em método, tornou-se uma pequena técnica pedagógica [...]". (Antoine Compagnon, 1999, p.13). A teoria passou a ser compartimentada. Ela chega até os estudantes, como um simples método de ensino da literatura. Não cabe mais a teoria apresentar a importância do estudo literário. O ajuste da teoria aos moldes escolares fez parecer que ela já estivesse pronta, com suas incertezas anuladas.

Essa ideia de teoria pronta, sem ter necessidade de ser renovada, fez com que a produção teórica fosse diminuindo, até chegar a sua estagnação atual. Tendo em vista o que foi dito até aqui, é possível concluir que a estagnação atual é resultado dos ajustes mencionados anteriormente. Ajustes que foram realizados por estruturas que, normalmente, são dirigidas por ideologias dominantes. O que seria então, essas ideologias dominantes? Para entendermos isso, em primeiro lugar, temos que entender o que seria essa ideologia, que pressupõe a ideia de que existem dominados.

Primeiramente, precisamos ter consciência de que a nossa sociedade esta dividida em classes. Isso se reflete na educação dos menos favorecidos, que propõe apenas sua capacitação para o mercado de trabalho, e não a educação para formação intelectual desse sujeito. Em contrapartida, existem os mais favorecidos, que também sentem o reflexo da classe a que pertencem na educação que recebem. Eles têm acesso a uma educação diferenciada, de melhor qualidade, voltada para formação de indivíduos críticos.

Entendemos que aqueles que se encontram tanto na camada mais alta, os com maior poder econômico, quanto os que se encontram nas camadas mais baixas, os com menor poder econômico, não se encontram em tais situações por escolha própria. Mas sim por condicionamento. Posto isso, concluímos que a sociedade é verdadeiramente dividida entre

dominantes e dominados. Logo, temos neste ponto, espaço para entender que aqueles que são considerados dominantes, impõem suas ideias aos dominados, de maneira sutil, dificultando a percepção deste ato.

A classe dominante usa da literatura, ou melhor, das produções artísticas, de um modo geral, para fazer essa transmissão da sua ideologia, e naturalizá-la. A ideologia dominante propõe que as coisas são assim desde sempre, que é esse o melhor, e único, jeito. Seguindo esse raciocínio, acabamos por deixar de duvidar e questionar, já que os conflitos aparentam ser inexistentes. Passamos a nos acomodar com nossa situação. Este processo é facilitado pela falta de teoria nos dias atuais. Os conceitos e teorias que já existem, não têm dado conta de explicar as situações que acontecem no presente.

Nesse ponto, fica clara a importância da construção de novas teorias. Notamos que a falta dela, fez com que ressurgisse respostas baseadas no senso comum. Respostas essas, que mesmo não sendo profundas, nos fazem dar por satisfeitos. Contribuindo assim, para que continuemos no mesmo lugar, com a falsa ideia de que as dúvidas estão esclarecidas. Porém, as dúvidas e questionamentos permanecem vivos. Mesmo com o enfraquecimento que se decorreu, existem ainda as inquietações, a não aceitação de respostas prontas.

Por fim, é possível concluir que, para que a teoria, nos dias de hoje, seja vista com interesse, e que o estudo dela seja encorajado, é preciso que alguns paradigmas sociais sejam mudados. É preciso que a sociedade seja encorajada a questionar, e não se satisfazer com as respostas que têm sido dadas. Somente assim poderemos sair desse apagão teórico, das rasas respostas do senso comum, que na quase totalidade das vezes vale menos que as perguntas feitas pela teoria. Com isso, talvez possamos fazer da teoria da literatura, algo moderno, que se encaixe nas novas condições de vida da sociedade contemporânea.

Referências bibliográficas

COMPAGON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum.** UFMG, 1999 .

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia.** Brasiliense, 1980.

WANDERLEY, Jorge. **Literatura**. Palavras da Crítica, Rio de Janeiro, 1992.